

EDUCAÇÃO

V.12 • N.3 • Publicação Contínua - 2025

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2025v12n3p144-157



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES

ARTIFICIAL INTELLIGENCE IN TEACHER EDUCATION IN THE ARTS

INTELIGENCIA ARTIFICIAL EN LA FORMACIÓN DOCENTE EN ARTES

Kaio Eduardo Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho investiga as implicações da inteligência artificial- IA na formação docente em artes, com ênfase nas percepções de estudantes de licenciatura sobre autoria, criatividade e práticas pedagógicas. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi realizada com discentes de uma universidade pública situada no Recôncavo da Bahia. Os dados foram coletados por meio de um questionário on-line, aplicado via *Google forms*, cujos resultados foram analisados a partir de quatro eixos centrais: padrões de uso das IAs, concepções de autoria, experiências estéticas e desafios para a docência. Os resultados evidenciam tensões entre inovação tecnológica e valores tradicionais, indicando a necessidade de incorporar criticamente a IA na formação docente em artes. O estudo destaca a urgência de políticas formativas que equilibrem domínio técnico e reflexão crítica, particularmente no campo das licenciaturas em artes.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores; Educação; Cultura digital.

ABSTRACT

This study investigates the implications of artificial intelligence (AI) in teacher education in the arts, with an emphasis on undergraduate students' perceptions of authorship, creativity, and pedagogical practices. The qualitative research was conducted with students from a public university located in the Recôncavo region of Bahia, Brazil. Data were collected through an online questionnaire administered via Google Forms, and the results were analyzed based on four central axes: patterns of AI use, conceptions of authorship, aesthetic experiences, and challenges for teaching. The results reveal tensions between technological innovation and traditional values, indicating the need for the critical integration of AI into teacher education in the arts. The study highlights the urgency of training policies that balance technical proficiency with critical reflection, particularly in the field of arts education programs.

KEYWORDS

Teacher Education; Education; Digital culture.

RESUMEN

Este trabajo investiga las implicaciones de la inteligencia artificial (IA) en la formación docente en artes, con énfasis en las percepciones de estudiantes de licenciatura sobre la autoría, la creatividad y las prácticas pedagógicas. La investigación, de carácter cualitativo, se realizó con estudiantes de una universidad pública situada en el Recôncavo Baiano, Brasil. Los datos fueron recolectados mediante un cuestionario en línea, aplicado a través de Google Forms, y los resultados fueron analizados a partir de cuatro ejes centrales: patrones de uso de la IA, concepciones de autoría, experiencias estéticas y desafíos para la docencia. Los resultados evidencian tensiones entre la innovación tecnológica y los valores tradicionales, lo que indica la necesidad de incorporar críticamente la IA en la formación docente en artes. El estudio destaca la urgencia de políticas formativas que equilibren el dominio técnico con la reflexión crítica, especialmente en el ámbito de las licenciaturas en artes.

PALABRAS CLAVE

Formación docente; Educación; Cultura digital.

1 INTRODUÇÃO

Durante uma aula de artes, uma professora propõe que os alunos utilizem Inteligência Artificial (IA) para criar composições visuais baseadas em estilos de artistas contemporâneos. Ao final da atividade, um estudante questiona: “Se a IA elaborou a imagem, qual foi o meu papel?” - o comentário, aparentemente ingênuo, indica um dilema que tem atravessado a prática docente. Por um lado, os artefatos com IA oferecem recursos inovadores que ampliam a experimentação estética e o acesso a linguagens complexas; por outro, desafia concepções tradicionais de autoria, processo criativo e prática pedagógica.

A emergência da inteligência artificial generativa nos últimos anos tem provocado reconfigurações nas formas de criação, mediação do conhecimento e atuação docente, como ilustra o trecho anterior. Em um cenário marcado pela *dataficação* da vida cotidiana e pela plataformação (Lemos, 2021), discutir o papel destes modelos de linguagem no processo de formação de professores torna-se uma necessidade. No campo da docência em artes, essa urgência se intensifica, uma vez que a criatividade, a autoria e a experiência estética — categorias centrais na prática pedagógica, são constantemente tensionadas pela mediação de algoritmos inerentes a estes dispositivos.

A inteligência artificial deixou de ser apenas um fenômeno distante do cotidiano. Passou a compor as dinâmicas sociais e culturais cotidianas, transformando concepções de autoria e alterando os modos de fruição e criação estética. Para os cursos de licenciatura em artes, este contexto exige além da compreensão sociocultural do problema, a construção de competências digitais docentes fundamentadas na apropriação ética, estética e crítica dessas linguagens.

Tais mudanças têm mobilizado pesquisadores a repensarem os conceitos tradicionais de arte e autoria, propondo novas categorias como, por exemplo, a de autoria híbrida humano- IA como propõe Pimentel *et al.* (2024). Para os autores, “a Inteligência Artificial generativa pode ser considerada coautora quando contribui significativamente para o processo criativo de produção de uma obra” (Pimentel *et al.* 2024, p. 2). Essa perspectiva desloca a compreensão da IA como mera ferramenta técnica para a de um agente que participa ativamente do processo de criação, desafiando paradigmas antropocêntricos ainda presentes no campo da educação.

Na formação inicial de professores este debate ainda é incipiente, especialmente nas licenciaturas em artes, onde a reflexão sobre as tecnologias digitais nem sempre contempla os impactos estéticos, éticos e epistemológicos. Nesse sentido, este trabalho contribui para o debate ao apresentar resultados de uma pesquisa realizada com estudantes de um curso de licenciatura interdisciplinar em artes, no Recôncavo da Bahia, destacando de que forma vêm se apropriando da inteligência artificial e quais são as implicações dessa relação para suas concepções de autoria, criatividade, experiência estética e prática pedagógica.

Diante disso, a presente pesquisa buscou responder a seguinte questão: como estudantes de uma Licenciatura Interdisciplinar em Artes se apropriam da inteligência artificial e quais as implicações dessa relação para a autoria, a criatividade, as experiências estéticas e as práticas pedagógicas na formação docente? Para obter respostas, o objetivo geral do trabalho foi analisar o uso de artefatos de inteligência artificial por estudantes de um curso de licenciatura interdisciplinar em Artes, com o fim de discutir os modos como essas tecnologias impactam suas concepções e práticas no campo da arte-educação.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e foi estruturado por uma revisão bibliográfica e pela produção de dados com base na aplicação de um questionário composto por questões fechadas, distribuído via *Google Forms* em uma turma de Licenciatura Interdisciplinar em Artes de uma universidade pública, situada no Recôncavo da Bahia, durante o segundo semestre de 2024. A análise dos dados foi fundamentada na identificação de padrões, percepções e contradições, organizados a partir de quatro indicadores analíticos: frequência e tipos de uso da IA; finalidades de uso e relação com autoria; criatividade, experiência estética e apropriação crítica; e práticas pedagógicas e desafios formativos. Estes indicadores permitiram compreender os modos pelos quais os futuros docentes em artes constroem sentidos sobre a presença da IA em sua formação e suas implicações para a docência e para a educação no contexto da cultura digital, como discutiremos nas seções a seguir.

2 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA, CULTURA DIGITAL E EDUCAÇÃO

A cultura digital, outrora marcada por uma perspectiva de emancipação e democratização da informação e de participação social, tem sido cada vez mais moldada por processos de plataformação e dataficação (Lemos, 2021) que tem caracterizado a efetivação de um modelo de capitalismo de vigilância (Zuboff, 2019) mobilizado por plataformas digitais governadas por um grupo de corporações tecnológicas denominadas *big tech*.

Nesse cenário, o amplo acesso a modelos de linguagem popularizados como inteligência artificial generativa, tornam-se peças importantes na disputa pela hegemonia econômica desta década. A integração de IA às plataformas digitais não apenas automatiza processos, mas também redefine modos de criação, circulação e recepção de conteúdo, impactando profundamente a criatividade, a autoria, os processos de aprendizagem e potencialmente as práticas pedagógicas.

Segundo Santaella (2023), vivemos um campo de tensão entre o potencial criativo da IA e o controle exercido pelas grandes corporações tecnológicas - as chamadas *Big Techs*. Enquanto a popularização e o acesso a IA pode ampliar possibilidades expressivas e oferecer novos recursos para a educação e para a produção cultural, seu uso hegemonizado pelas plataformas ameaça a diversidade cultural, limita a autonomia e impõe padrões baseados em lógicas de engajamento e principalmente em lucro. Como resultado, a cultura digital torna-se cada vez mais atravessada por uma lógica de performatividade algorítmica (Lemos, 2021), em que a visibilidade e a relevância dos conteúdos são determinadas por mecanismos opacos e automatizados.

Diante disso, vale destacar que, o que se entende por IA generativa, distinta dos modelos preditivos de aprendizado de máquina, são na verdade modelos de linguagem que produzem conteúdo a partir de grandes bases de dados, sintetizando texto, imagem, voz, vídeo e códigos. (Santaella; Kaufman, 2024).

Portanto, a cultura digital atravessada por algoritmos, e pela coleta massiva de dados para treinar modelos de IA também impõe novas exigências à educação. No cenário de popularização da inteligência artificial generativa, a Comissão Europeia (2020) enfatizou em um relatório, a necessidade não apenas aprender com a IA, mas também aprender sobre a IA e para a IA - ou seja, compreender

seus funcionamentos, implicações éticas e sociais, e desenvolver competências críticas que permitam atuar conscientemente em ambientes mediados por essas tecnologias (Bidarra *et al.*, 2020).

Com isso, é fundamental formar professores que mobilizem práticas pedagógicas que incentivem a compreensão crítica dos algoritmos, a reflexão sobre os usos da inteligência artificial e a produção autoral autônoma. Assim, o letramento digital não deve se limitar ao domínio técnico e instrumental destas linguagens, mas incluir a compreensão dos processos de mediação e de controle envolvidos, além da proteção de dados pessoais, em especial no que se refere aos direitos de crianças e adolescentes (Brasil, 2018).

De acordo com a Estratégia Brasileira de educação midiática (Brasil, 2023) a presença crescente da inteligência artificial nas mídias digitais demanda que os sujeitos desenvolvam habilidades críticas para lidar com a produção e circulação automatizada de conteúdo. O documento reconhece a importância da formação e da qualificação continuada de professores como eixo estratégico, destacando que docentes de todas as etapas da educação básica devem ser capacitados para desenvolver práticas pedagógicas que integrem criticamente a educação midiática aos currículos escolares (Brasil, 2023).

Portanto, o desafio não é apenas adaptar-se às tecnologias emergentes, mas criar condições para que educadores e estudantes possam atuar de forma ética, criativa e consciente em um mundo cada vez mais orientado por sistemas automatizados. A construção de processos de letramento digital é essencial para garantir que a inteligência artificial seja aliada da educação e dos processos educativos — e não um instrumento de colonialismo digital (Faustino; Lippold, 2023). O que demanda, na formação docente em artes, uma postura crítica diante dos vieses e da capacidade de questionar quais experiências estéticas emergem e quais processos são invisibilizados.

As questões postas até aqui ajudam a compreender como as tecnologias emergentes não apenas tensionam os conceitos de arte, autoria, e criatividade, mas também convocam novas práticas pedagógicas e outros processos formativos. Essas tecnologias, ao mesmo tempo em que despertam encantamento e amplificam as possibilidades expressivas, também geram inquietações éticas e pedagógicas. Deste modo, a seguir apresentamos a análise dos dados produzidos e o relato de experiência no processo de formação docente em artes, com o propósito de discutir como os/as docentes em formação tensionam, negociam e ressignificam a presença da IA no cotidiano acadêmico, artístico e pedagógico.

3 FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES EM CONTEXTO DE IA GENERATIVA

As questões apresentadas até aqui, enunciam um cenário sociotécnico que contextualiza a experiência formativa apresentada a seguir. O trabalho foi desenvolvido em uma turma de licenciatura interdisciplinar em artes, de uma universidade pública situada no Recôncavo da Bahia, durante o semestre acadêmico de 2024.2. A experiência insere-se no contexto do componente curricular *Tecnologias Digitais na Educação (68h)*. Componente optativo do curso, que tem como objetivo mobilizar competências digitais docentes e letramento digital na formação inicial de professores.

Por ser de natureza optativa a turma foi composta por 16 estudantes, com perfis, características e origens distintas. A escolha dessa turma e deste componente específico como amostra da investigação, partiu do entendimento de que o campo das artes e da docência em artes vem sendo profundamente atravessado pelas transformações tecnológicas que caracterizam a cultura digital contemporânea. Nesse sentido, torna-se cada vez mais necessário compreender como futuros docentes se apropriam das IAs, não apenas em sua dimensão instrumental, mas também considerando os impactos éticos, estéticos e pedagógicos que essas tecnologias suscitam. Assim, a escolha por uma amostra reduzida e contextualizada, justifica-se pelo caráter exploratório da pesquisa, que buscou compreender processos de apropriação de IA em um cenário real de formação docente e não apenas testar hipóteses.

O objetivo específico da produção dos dados foi compreender as formas de uso da inteligência artificial pelos discentes, com foco nas implicações para quatro eixos da formação artística e pedagógica: autoria, criatividade, experiências estéticas e práticas pedagógicas. Procurou-se compreender ainda, de que modo os estudantes percebem e utilizam inteligência artificial generativa e como essas interações afetam suas percepções sobre criação, produção de conhecimento e docência em artes.

A produção dos dados não identificada foi autorizada pela turma e foi realizada em dezembro de 2024 por meio de um questionário estruturado em formato *on-line*, via *Google Forms*, composto por 17 questões objetivas de múltipla escolha. Vale destacar que o questionário foi elaborado a partir dos objetivos e da bibliografia do componente curricular. A análise das respostas foi conduzida de forma descritiva e interpretativa, permitindo o cruzamento de resultados e variáveis para uma leitura mais aprofundada das possibilidades.

Para fins de organização, os resultados foram agrupados a partir de quatro categorias: 1- frequência e tipos de usos da IA; 2- finalidades de uso e relação com a autoria; 3- criatividade, experiência estética e apropriação crítica; e 4- prática pedagógica e desafios formativos. Cada uma destas categorias reflete dimensões importantes do processo de formação docente em artes, diante das transformações promovidas pela presença crescente da cultura digital nos contextos educacionais, conforme apresentado a seguir.

3.1 FREQUÊNCIA E TIPOS DE USO DA IA

Os dados revelam que o uso de IA é uma realidade entre os estudantes, embora este uso não seja frequente. 31,3% declararam utilizar inteligência artificial generativa com frequência, enquanto 37,5% indicaram utilizar as vezes e 18,8% afirmaram usar raramente. Apenas 12,5% afirmaram nunca ter utilizado, como aponta a imagem 1.

Imagem 1 – Frequência de uso de IA

Fonte: Elaborado pelo autor. *Google Forms 2024*.

O fato de a maioria utilizar IA generativa ao menos ocasionalmente indica acesso e curiosidade, mas não revela necessariamente uso qualificado e o nível de letramento digital (Buckingham, 2020). Isso convida à reflexão de que “a IA generativa pode ser utilizada, mas seu uso acrítico pode reforçar desigualdades”, uma vez que pode reproduzir padrões, silenciar vozes diversas e reforçar desigualdades culturais já existentes, em vez de promover inclusão, autoria ou emancipação. (Santaella; Kaufman, 2024, p. 42).

Os dados indicaram ainda o *ChatGPT* como artefato mais utilizado (87,5%). Modelos de linguagem voltadas à criação imagética, como *Midjourney* e *DALL·E*, não foram apontadas, o que evidencia um predomínio de usos voltados à linguagem textual. O que pode estar implicado em um caráter mais acessível dos *chatbots* em relação ao acesso ainda pago a muitas IA generativas voltadas a criação e edição de imagens. Essa limitação de uso pode ser entendida também à luz do que Gillespie (2018) aponta como curadoria algorítmica invisível, em que as próprias plataformas induzem formas específicas de interação, uso e apropriação tecnológica.

A ausência de interação com IA voltadas à geração de imagens, aponta também para uma possível lacuna na experimentação de experiências estéticas mediadas por tecnologias, algo que se torna ainda mais significativo no campo da arte. Por outro lado, esse cenário sugere que, embora haja familiaridade com alguns artefatos mais populares, como o *ChatGpt*, o potencial criativo e experimental com IA ainda não é plenamente explorado em outros modelos, especialmente de linguagem visual.

3.2 FINALIDADES DE USO E RELAÇÃO COM A AUTORIA

Quando estimulados a pensar sobre autoria, 43,8% responderam que nunca pensaram sobre este tema, enquanto 31,3% entendem que a autoria permanece com o usuário. Apenas 18,8% reconhecem a IA apenas como uma ferramenta, e apenas 6,3% apontam para uma autoria compartilhada, como

mostra a imagem 2. Esse dado indica que, embora os estudantes estejam começando a se apropriar das IAs, há ainda uma visão predominantemente *humanocentrada* do processo criativo, o que pode ser interpretado como uma defesa da subjetividade e da autoria artística no campo da arte-educação.

Imagem 2 – Autoria e uso

Em relação aos conteúdos produzidos por IA, como você compreende a autoria desse material?

16 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor. *Google Forms 2024*.

Vale destacar, que a visão *humanocêntrica* de autoria, como crítica Beiguelman (2023), ignora que as IA operam a partir de recombinações de dados culturais hegemônicos, muitas vezes excluindo vozes marginalizadas. Deste modo, os resultados cruzados, indicam também o desenvolvimento de uma percepção de IA como ‘companheira’ criativa, posto que a autoria híbrida exige reconhecer a coautoria maquínica não como substituição, mas como mediação relacional (Beiguelman, 2023).

Embora os estudantes indiquem se apropriar da IA como aliada em processos criativos, há uma visão majoritariamente humana da autoria. Isso pode ser interpretado como uma defesa da subjetividade e da centralidade humana na criação artística, em consonância com tradições que valorizam a intenção e a sensibilidade como marcas autorais. No entanto, uma minoria reconhece uma autoria compartilhada entre ser humano e máquina, o que aponta para o surgimento de novas concepções sobre “autoria híbrida” (Pimentel *et al.* 2024).

3.3 CRIATIVIDADE, EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E APROPRIAÇÃO CRÍTICA

Quando instigados a refletir sobre o impacto da IA na criatividade, 31,3% disseram que a IA amplia a criatividade, enquanto 25% afirmaram que ela pode limitar a criatividade por repetir padrões. Já, 18,8% afirmaram que a IA generativa pode ajudar a experimentar ideias mais rapidamente e 12,5% afirmaram que a IA prejudica a originalidade das produções, como mostram os dados da imagem 3.

Imagem 3 – Criatividade e IA

Em qual das situações abaixo você mais se identifica ao pensar na relação entre criatividade e o uso de IA em artes?

16 respostas



- A IA amplia minha criatividade, pois me inspira e sugere caminhos novos.
- A IA me ajuda a experimentar ideias mais rapidamente, mas não substitui...
- A IA pode limitar minha criatividade, pois tende a repetir padrões.
- A IA prejudica a originalidade das produções artísticas, tornando tudo m...
- Ainda não consigo avaliar esse impacto na minha criatividade.

Fonte: Elaborado pelo autor. *Google Forms 2024.*

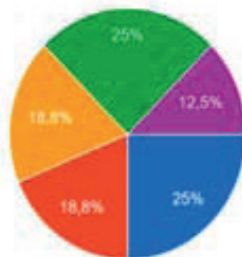
Os dados sugerem que os estudantes compreendem mesmo que timidamente, a criatividade como um processo dinâmico, exploratório e interativo, mais do que como o alcance de um produto único e original. Essa perspectiva pode ser muito produtiva em contextos pedagógicos na arte-educação, pois valoriza a experimentação, deslocando o foco da transmissão de conteúdos e da avaliação final para o percurso criativo. No entanto, este dado indica também uma necessidade de se ampliar ou produzir outras percepções sobre criatividade, especialmente no contexto da formação docente em artes.

Quando perguntados sobre uso de IA para criar, remixar e gerar versões, 18,8% responderam que pode ser problemático pois pode desrespeitar o contexto de autoria. Já 25,5% acharam inadequado e outros 25% responderam que pode ser uma forma válida de expressão, desde que usada como forma de ampliar as capacidades humanas.

Imagem 4 – Expressão, autoria e remix

Qual é a sua opinião sobre o uso da Inteligência Artificial para recriar, remixar ou gerar versões de obras de arte existentes?

16 respostas



- () É uma forma válida de expressão artística e pode ser usada como ferra...
- Pode ser interessante como recurso pedagógico, desde que não substitua...
- Pode ser problemática, pois pode desrespeitar o contexto e a autoria da...
- Acho inadequado, pois banaliza a criação artística e a história da arte.
- Nunca pensei sobre isso e não sei como posicionar minha opinião.

Fonte: Elaborado pelo autor. *Google Forms 2024.*

Os resultados indicam uma mudança no imaginário sobre o fazer artístico, posto que a IA começa a ser percebida não apenas como risco ou limitação, mas como aliada no processo criativo, capaz de estimular ideias, provocar novas combinações e mobilizar a experimentação estética. Por outro lado, parte dos estudantes ainda veem a novidade como ruptura, e não como remix ou bricolagem, que são formas de autoria reconhecidas na cultura digital. Esse ponto merece ser problematizado no campo da arte e da educação pois pode indicar uma flexibilização do conceito de originalidade, tradicionalmente atrelado a autenticidade.

3.4 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DESAFIOS FORMATIVOS

Diante deste cenário, os discentes foram mobilizados a pensar os desafios para práticas pedagógicas. Nas questões sobre o uso da IA na docência em artes, 43,8% consideraram-na “útil em algumas situações” e 18,8% como “muito útil”. Esses números sugerem uma percepção moderadamente favorável ao uso pedagógico da IA, desde que contextualizado e justificado.

Contudo, quando questionados sobre sua preparação para lidar com os desafios éticos e pedagógicos do uso da IA em sala de aula, 50% dos estudantes admitiram ter interesse, mas não se sentirem preparados. Enquanto 25% admitiram sentir insegurança e falta de orientação, como apontam os dados da imagem 5.

Imagem 5 – Desafios éticos e pedagógicos

Você se sente preparado(a) para lidar com os desafios éticos e pedagógicos do uso de IA em sala de aula?
16 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor. Google Forms 2024.

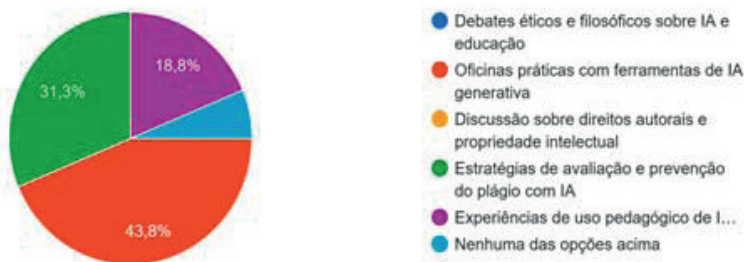
A soma de 75% dos estudantes (50% com interesse, mas sem preparo + 25% com insegurança e falta de orientação) indica que a maioria dos futuros professores de artes reconhece a importância do tema, mas não se sente habilitada para trabalhar com ele. Isso sugere que os cursos de licenciatura, em especial os de artes, ainda não estão integrando de forma sistemática os debates sobre inteligência artificial, cultura digital e mediação tecnológica na formação docente, especialmente em seus aspectos éticos e pedagógicos.

Essa lacuna formativa é reforçada pelas sugestões dos próprios estudantes quanto às abordagens desejadas para sua formação docente. A maioria (43,8%) apontou a necessidade de realizar oficinas práticas para o uso de IA, seguida por formação voltada a estratégias de avaliação e combate ao plágio (31,3%), como ilustra a imagem 6. Tais demandas reafirmam a urgência de integrar o tema da IA nos currículos da formação docente, de forma crítica, interdisciplinar e prática.

Imagem 6 – Expectativas formativas

Que tipo de abordagem você considera mais necessária na sua formação docente em relação à IA?

16 respostas



Fonte: Elaborado pelo autor. *Google Forms 2024*.

Em síntese, os resultados revelam que, embora o uso da inteligência artificial já faça parte do cotidiano de muitos estudantes, sua integração crítica e criativa aos processos formativos ainda é incipiente. Observou-se uma postura predominantemente centrada no humano em relação à autoria, bem como percepções ambíguas sobre o impacto da IA na criatividade. No contexto da formação docente, ficou evidente o interesse dos licenciandos em compreender a IA como recurso didático, mas também a falta de preparo e orientação para lidar com seus desafios éticos e educacionais.

Esses elementos indicam a urgência de repensar a formação de professores de artes à luz das transformações tecnológicas contemporâneas, incorporando uma abordagem que não apenas instrumentalize o uso, mas que também fomente reflexões críticas sobre autoria, experiência estética, subjetividade e inovação pedagógica. Assim, o diálogo entre arte, educação e inteligência artificial se apresenta não como uma ameaça à criatividade, mas como uma oportunidade de ressignificação dos modos de ensinar e principalmente de aprender.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora pesquisas sobre IA na formação docente tenham crescido em diferentes áreas, ainda não são muitos os que abordam as licenciaturas em Artes. Com este trabalho buscamos compreender

como estudantes de um curso de licenciatura interdisciplinar em artes se apropriam da inteligência artificial, e quais são as implicações dessa relação para a autoria, para a criatividade, as experiências estéticas e as práticas pedagógicas no processo de formação docente.

Os resultados deste trabalho expõem nuances específicas do campo artístico e sobretudo do processo de formação docente e da arte-educação. Os dados analisados evidenciaram uma postura ambígua dos estudantes frente à inteligência artificial: embora reconheçam nelas um potencial pedagógico e criativo significativo, também expressam receios quanto às suas implicações éticas, estéticas e as lacunas em seus processos formativos.

Essa ambiguidade não deve ser compreendida como simples desconhecimento ou resistência, mas como um reflexo das tensões que marcam o atual contexto cultural e sociotécnico. A IA não se apresenta apenas como inovação técnica, mas como reconfiguração das noções de autoria, criação e experiência artística — categorias centrais para o ensino das artes. Nesse cenário, torna-se indispensável que os cursos de licenciatura em artes assumam uma postura propositiva e crítica diante da presença cada vez mais difusa da inteligência artificial nos processos formativos.

O reconhecimento da autoria híbrida humano-IA (Pimentel, *et al.* 2024) exige uma reconfiguração das estruturas pedagógicas e epistemológicas da educação em artes, de modo a romper com visões antropocêntricas que ainda orientam parte do ensino. A IA deve ser abordada não apenas como ferramenta de apoio, mas como elemento que tensiona as fronteiras entre criação, mediação e autoria. Para isso, é necessário criar processos formativos que articulem o domínio técnico com reflexões éticas e políticas, promovendo experiências formativas que incentivem a apropriação crítica e criativa destas tecnologias emergentes.

Assim, mais do que instrumentalizar futuros docentes em artes para o uso de plataformas e algoritmos, é preciso prepará-los para compreender os sentidos e os efeitos desses usos em suas práticas educativas e artísticas. A presença da IA no contexto da formação docente em artes exige o fortalecimento de uma abordagem interdisciplinar, que inclua debates sobre autoria, propriedade intelectual, colonialismo de dados, cultura digital e estética. Essa perspectiva pode contribuir não apenas para o desenvolvimento de competências digitais, mas, sobretudo, para a constituição de sujeitos capazes de intervir de forma crítica e sensível nos processos de ensino e aprendizagem em nosso tempo.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Giselle. Máquinas companheiras. **Morel**, n. 7, p. 76-86, 2023.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Secretaria de Políticas Digitais. **Estratégia brasileira de educação midiática**. Brasília: SECOM/SPDIGI, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/arquivos/2023_secom-spdigi_estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

BIDARRA, J. **Artificial intelligence in teaching (AIT)**: a road map for future developments. Comissão Europeia, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342214907_Artificial_Intelligence_in_Teaching_AIT_A_road_map_for_future_developments. Acesso em: 30 mar. 2025.

BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. Tradução de Paula C. Ferreira. São Paulo: Edições Sesc, 2020.

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

GILLESPIE, T. A relevância dos algoritmos. Tradução de Amanda Jurno. Revisão de Carlos d'Andréa. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722>. Acesso em: 9 maio 2025.

LEMONS, A. Dataficação da vida. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 193-202, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/myyQrGW4s9LnCDJDVRYyF8s/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PIMENTEL, M.; CARVALHO, F.; SILVEIRA, V. IA generativa pode ser coautora? **Tríade: Comunicação, Cultura e Arte**. Sorocaba, v. 12, n. 25, e024012, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2024v12id5569>. Acesso em: 14 abr. 2025.

SANTAELLA, L. **Pensar a inteligência artificial**: cultura de plataforma e desafios à criatividade. Organização de Daniel Melo Ribeiro e Geane Alzamora. Belo Horizonte: FAFICH/PPGCOM/UFMG, 2023.

SANTAELLA, L.; KAUFMAN, D. A inteligência artificial generativa como quarta ferida narcísica do humano. **MATRIZES**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 37-53, jan./abr. 2024. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i1p37-53.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Recebido em: 10 de Maio de 2025

Avaliado em: 30 de Junho de 2025

Aceito em: 27 de Junho de 2025



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Educação



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilhaigual CC BY-SA

1 Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. Orcid: 0000-0002-5390-0593.
E-mail: kaioeduardojo@gmail.com

